



CIARI – Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais

www.ciari.org

Repensar a Dicotomia Direita/Esquerda

por Eduardo Currito

Ensaio expandido do artigo do Expresso:

- Referência: "Repensar a Dicotomia Direita/Esquerda", Ensaio Expandido do Artigo "A Divisão entre a Direita e a Esquerda", in Jornal Expresso, Semana nº 1685, 12 Fevereiro 2005.

"Estou preso ao pensamento, como o ar ao vento."

Fernando Pessoa

1. Introdução

O presente ensaio pretende repensar a dicotomia direita/esquerda, nomeadamente o seu sentido actual.

Pretendendo responder às seguintes questões: Qual a influência da globalização na dicotomia direita/esquerda? Será real a aproximação entre direita e esquerda? O que é a "terceira via"? O que é o conservadorismo compassivo? São questões importantes para se perceber, tanto quanto possível, toda a complexidade da dicotomia direita/esquerda.

2. Repensar a Dicotomia Direita/Esquerda

2.1 Sobre a Globalização

Num mundo pós-Fukuyama¹, pelo menos no que diz respeito às ideologias, não se poderá dizer que o jogo terminou, que a luta ideológica de dois séculos chegou ao fim, resultando no triunfo do liberalismo ocidental.

Há quem defenda, num contexto internacional, não existir grande pertinência em prolongar a discussão sobre a sobrevivência ou a natureza obsoleta do conceito direita/esquerda. No entanto, apesar de existir um enfraquecimento civilizado das posições, este não levou ao desaparecimento das tendências ideológicas tradicionais. Continua a existir a validade – em termos conceptuais e operacionais – da direita e da esquerda, pois os termos “direita” e “esquerda” permanecem vivos na linguagem política.

Embora possam existir alianças, pontuais e por motivos diferentes, entre movimentos de direita e de esquerda, impensáveis até à pouco tempo, como é no caso do movimento *anti-globalização*.

Não é necessário procurar muito longe para encontrar uma evidência contínua das divergências ideológicas no palco mundial. Um exemplo disso foram os distúrbios de 1999 em Seattle, por ocasião da cimeira da Organização do Comércio Mundial, que acabaram numa grande desordem, com cenas de confronto violento entre a polícia e os manifestantes. Da mesma forma, no mais recente World Economic Forum de Davos, houve surtos de violência esporádica.

Tomar posições perante a globalização tornou-se inevitável para todos os partidos, seja qual for a sua orientação dominante, porque a globalização se tornou um facto político incontornável. Grande parte dos programas de acção dos partidos tem

¹ Francis Fukuyama, *The End of History and The Last Man*, 1992, tradução portuguesa de Maria Goes, *O Fim da História e o Último Homem*, Lisboa: Gradiva, 2ª Edição, 1999.

de ser pensada em função dela ou arrisca-se a não ser credível. E se esta que temos é desregulada, selvagem e predadora, como todos os quadrantes reconhecem, devido à escassez de instituições globais ou supranacionais com capacidade para regulá-la, a globalização alternativa e ética que se pode desejar está certamente também na mira de todos, embora inevitavelmente sob diferentes versões.²

2.2 Aproximações entre Direita e Esquerda

Desde que houve conflito organizado nalgum tipo de contexto democrático, a linguagem da política tem procurado bifurcar a maneira como as pessoas reagem, isto é, as posições que elas assumem.

Direita e esquerda são termos espaciais, que começaram por dividir a câmara francesa (durante a Revolução Francesa, 1789) entre os que se sentavam à direita e à esquerda, entre os apoiantes da ordem e os da mudança. Esta bipolarização, contudo, implica uma espécie de neutralidade entre as categorias que distinguem politicamente a população³.

A direita era o partido das instituições tradicionais, tanto seculares como religiosas. A esquerda ficava identificada com a oposição a uma monarquia poderosa e até à própria monarquia, e com o desdém pela, ou a rejeição da, religião.

A direita tem representado tradicionalmente o lado da ordem, da estabilidade e da tradição, a posição moral, legal, legítima. A esquerda, por outro lado, está associada ao radical, ao perigoso e ao novo. Ao passo que a direita tende para o *status quo*, a esquerda tende para a mudança. A direita pende para a monarquia, enquanto a esquerda tem-se inclinado para a república.

² Rui Valada, “Ser de esquerda, ontem (carta aberta a Mário Soares)”, in www.cienciapolitica.org

³ Seymour Martin Lipset, “Esquerda e Direita”, in *Revista Nova Cidadania*, Ano II – Número 8, Abril/Junho 2001, pp. 10-17.

É Norberto Bobbio, nas palavras de Celso Lafer, “um filósofo militante que dialoga criticamente com as experiências políticas e intelectuais do nosso tempo”⁴, que insistiu na validade da dicotomia⁵ tomando por base a tese segundo a qual a direita enfatizaria a *liberdade*, enquanto a esquerda o faria em relação à *igualdade*.

Convém escarpelizar melhor o conceito de igualdade. Para António Paim, a igualdade, actualmente, é discutida de maneira distinta em dois planos, a saber: o plano académico e o plano político. No plano académico o tema ganhou força com a tese de John Rawls, desenvolvida na sua obra “Uma Teoria da Justiça”⁶, segundo a qual a equidade seria o ponto de partida para se estruturar as instituições. No plano político, a discussão, agora atenuada, é entre igualdade de oportunidades e igualdade de resultados, cuja poucos defendem, além de não fazer qualquer sentido.

Na realidade, antigamente, as posições de direita e esquerda eram diametralmente incompatíveis, mas actualmente, essas duas posições se aproximam muito, tornando-se inclusivé complementares. Segundo Hélio Jaguaribe, a esquerda moderna visa ao máximo de bem estar social, com o decorrente intento de minimização das diferenças sociais, dentro de condições compatíveis com a satisfatória preservação da competitividade internacional da respectiva sociedade; enquanto a direita moderna visa ao máximo de eficácia e de competitividade, para a respectiva sociedade, dentro de condições compatíveis com satisfatórios níveis de bem estar social e de redução das desigualdades.⁷ As prioridades é que são diferentes.

⁴ Celso Lafer, “Bobbio aos 94 anos”, in *Revista Nova Cidadania*, Ano V – Número 19, Janeiro/Março 2004, pp. 54-55.

⁵ Norberto Bobbio, *Direita e Esquerda*, São Paulo: UNESP, 2ª edição, 2001.

⁶ John Rawls, *Uma Teoria da Justiça*, São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 2002.

A maior diferença entre direita e esquerda na política, existe nas posições extremas dos partidos que ocupam as franjas do espectro ideológico. No que respeita aos maiores partidos, os que disputam o poder, e naturalmente, o eleitorado do “centro”, as intercepções de discursos e conceitos são notórias.

Desde que o socialismo democrático abandonou a inspiração marxista e as correntes neoliberais se distanciaram das teorias do Estado mínimo, já quase ninguém entre os partidos moderados coloca em causa a necessidade de regulação da economia pelo Estado e o imperativo ético de pôr em prática programas vastos de protecção social. O que se discute é até onde deve ir essa regulação e como deve ser feita, bem como a natureza e montante dos benefícios a conceder aos mais desprotegidos na sociedade. Ou seja: todos reconhecem ao Estado uma vocação dupla, simultaneamente reguladora e proteccionista.⁸

Durante as campanhas eleitorais, a retórica panfletária difunde a mensagem de que existem diferenças abissais no modo de conduzir as coisas públicas; mas quando os eleitos são obrigados a enfrentar os dossiers e as questões reais, a perspectiva que domina é geralmente a tecnocrática.

Esquerda e direita são obrigadas a entender-se para quase todas as reformas constitucionais, que exigem votações por maioria qualificada, e no resto e de facto limitam-se a discutir, de forma artificialmente acirrada, as modalidades e os graus de intervenção do Estado e os detalhes polémicos da concertação social, ao mesmo tempo que ambas pactuam a seu modo com as instituições religiosas, os sindicatos, as associações patronais e outras organizações, disputando entre si o controlo dos

⁷ Hélio Jaguaribe, *A Proposta Social-Democrata*, Brasília: ITV, 2ª edição, 1998, p. 12.

⁸ Rui Valada, “Esquerda e direita”, in www.cienciapolitica.org

diversos lobbies. Em todos estes aspectos, a diferença entre esquerda e direita não é de género, é de estilo ou de eficácia.⁹

Em abono da verdade, sublinhe-se que muitos dos valores que a chamada esquerda continua a reivindicar como fazendo parte da sua identidade própria formam hoje um substrato comum a todos os grandes partidos. Acreditar no progresso e na possibilidade de transformar o mundo para melhor, reparar as injustiças e desigualdades humanas, a liberdade, a solidariedade, a igualdade de oportunidades, a justiça social, o laicismo do Estado, a concertação social, as conquistas básicas do movimento sindical, a defesa do ambiente e dos equilíbrios ecológicos, a previdência social, a luta em favor dos excluídos, a democracia representativa e a participação directa dos cidadãos na vida política, o direito à diferença, a liberdade sexual, a defesa dos direitos das minorias, o estímulo ao associativismo – tudo isto e mais qualquer coisa pode ser encontrado nos textos programáticos e na acção política dos partidos de todos os quadrantes do espectro ideológico das sociedades ocidentais.¹⁰

2.3 A Terceira Via

Os anos 90 testemunharam o advento da “terceira via”, que começou com a eleição do presidente Clinton, seguida por uma sucessão de novos líderes políticos na Europa, com particular relevo para Tony Blair, no Reino Unido, e Gerhard Schroeder, na Alemanha. Durante algum tempo as suas ideias do “novo centro” pareceram ter posto em debandada os velhos conceitos, relegando as ideias batidas de direita e

⁹ Entre os preconceitos, encontramos a ideia arreigada de que a direita defende o capitalismo selvagem, as organizações religiosas, os grandes interesses económicos e a prepotência dos patrões, e que é à esquerda que cabe o papel de defensora da regulação da economia pelo Estado, do laicismo e independência deste, da salvaguarda dos direitos dos trabalhadores e do alargamento dos esquemas de protecção social.

Rui Valada, “Esquerda e direita”, in www.cienciapolitica.org

esquerda para o caixote do lixo da História. Autores influentes como Anthony Giddens¹¹ e Will Huton, entre outros, escreveram tratados sobre a “terceira via” e sobre a precariedade do capitalismo global.

Nas décadas de 80 e de 90, os partidos europeus de centro-esquerda embarcaram num processo em que se procuraram desembaraçar dos seus elementos mais extremistas num esforço para se tornarem elegíveis. Nos casos específicos do Reino Unido e da Alemanha, a eleição de novos líderes coincidiu com a perda de vigor de governos de direita que se mantiveram em funções durante muito tempo. O eleitorado de ambos os países estava já cansado das mesmas caras e, por vezes, vinham a lume alegações de corrupção e de abuso de poder. As mudanças que ocorreram nas eleições britânicas e alemãs, de 1997 e 1998 respectivamente, tiveram, certamente, mais que ver com a natureza cíclica da política partidária do que com a emergência de qualquer “terceira via”. A relativa juventude e o encanto dos dois novos líderes, combinados com a chegada quase simultânea de ambos ao poder, tenderam para aumentar significativamente a importância da “terceira via”.

2.4 Conservadorismo Compassivo

Se a “terceira via” pode ser afastada como mais um afluente da Amazónia ideológica da ciência política, que dizer do “conservadorismo compassivo”? Esta doutrina tem vindo a ser associada a George W. Bush e está a ser estudada atentamente pelo Partido Conservador no Reino Unido. Sendo um dos principais progenitores do conceito de conservadorismo compassivo, Myron Magnet¹².

¹⁰ Rui Valada, “Ser de esquerda, ontem (carta aberta a Mário Soares)”, in *www.cienciapolitica.org*

¹¹ Anthony Giddens, *A Terceira Via e seus Críticos*, Rio de Janeiro: Record, 2001.

¹² Myron Magnet, “O que é o Conservadorismo Compassivo?”, in *Revista Nova Cidadania*, Ano II, Número 8, Abril/Junho 2001, pp. 18-25.

No âmago do conservadorismo compassivo estava a preocupação com os pobres – o que não é uma preocupação tradicional do Partido Republicano. Procurando afastar-se do que fora descrito como uma política de “negligência benigna”, vários presidentes de câmara de grandes cidades e governadores de estados urbanos republicanos deram prioridade crescente a esta área das políticas públicas. A força do conservadorismo compassivo estava na diminuição do domínio quase monopolista do Partido Democrata no que diz respeito à preocupação com os pobres.

Novas formas de ajudar os pobres – não baseadas no que os *comcons* consideravam ser as velhas ideias liberais – foram trabalhadas. Um dos exemplos é o *workfare*, concebido para encorajar sentimentos de auto-estima e uma igual cidadania. Em vez de encerrar os pobres num ciclo de dependência sem fim, os novos programas procuraram incentivar a ética do trabalho, incentivando assim a autoconfiança e a capacidade de recuperação de que todos necessitam em sociedade.

Segundo Magnet, os conservadores compassivos deram muita importância a um tipo de ajuda aos pobres “carregada de valores”, em vez de uma assistência neutra em relação aos valores, típica dos democratas. Da mesma forma, a garantia da *segurança dos cidadãos* é tida como o dever mais fundamental do Governo – tal como pode ser visto nas severas políticas de policiamento introduzidas na cidade de Nova Iorque pelo Presidente de Câmara Giuliani, que levaram a uma grande quebra na taxa de assassínios. A *educação* é outra área em que os conservadores compassivos vêem a necessidade de uma nova abordagem que implemente testes mais exigentes para estudantes e professores.

3. Conclusão

Existem amplas razões para acreditar que as divisões ideológicas entre direita e esquerda, com origem na Revolução Francesa, estão longe do fim. Desenvolvimentos dentro e fora do mundo democrático ocidental confirmam a sua relevância actual. Vimos que podem emergir diferentes tendências ou vagas tanto à esquerda, a terceira via, como à direita, o conservadorismo compassivo, mas nenhuma delas representa um novo e real ponto de partida.

O objectivo da divisão entre direita e esquerda é ajudar-nos a compreender as realidades políticas. Ninguém insiste no facto de que todos os pontos de vista devam ser identificados com precisão como um ou outro dos lados. Tal como dentro de cada ser humano existe uma luta entre o bem e o mal, também se trava, dentro dos indivíduos, uma luta entre a esquerda e a direita.

A divisão entre esquerda e direita ajuda-nos a compreender o mundo e – o que é talvez mais importante – a nos compreendermos a nós próprios.

Eduardo Currito

Doutorando (*PhD Student*) em Ciência Política e Relações Internacionais pelo IEP-UCP - Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa

E-mail: *eduardo-currito@clix.pt*

Bibliografia

Bobbio, Norberto, *Direita e Esquerda*, São Paulo: UNESP, 2ª edição, 2001.

Fukuyama, Francis, *The End of History and The Last Man*, 1992, tradução portuguesa de Maria Goes, *O Fim da História e o Último Homem*, Lisboa: Gradiva, 2ª Edição, 1999.

Giddens, Anthony, *A Terceira Via e seus Críticos*, Rio de Janeiro: Record, 2001.

Jaguaribe, Hélio, *A Proposta Social-Democrata*, Brasília: ITV, 2ª edição, 1998.

Lafer, Celso, “Bobbio aos 94 anos”, in *Revista Nova Cidadania*, Ano V – Número 19, Janeiro/Março 2004.

Lipset, Seymour Martin, “Esquerda e Direita”, in *Revista Nova Cidadania*, Ano II – Número 8, Abril/Junho 2001.

Magnet, Myron, “O que é o Conservadorismo Compassivo?”, in *Revista Nova Cidadania*, Ano II, Número 8, Abril/Junho 2001.

Rawls, John, *Uma Teoria da Justiça*, São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 2002.

Valada, Rui, “Ser de esquerda, ontem (carta aberta a Mário Soares)”, in *www.cienciapolitica.org*

Valada, Rui, “Esquerda e direita”, in *www.cienciapolitica.org*